

O brasileiro quer vencer pela liberdade política e econômica

Sérgio Mauad

"Não é assustador saber-se que a sabedoria humana é limitada, mas a tolice humana não?" (Konrad Adenauer, ex-presidente alemão)



O povo quis assim. As urnas revelaram que o brasileiro quer vencer pela liberdade política e econômica; quer competir pela livre iniciativa, disputando na concorrência, que é a maneira mais salutar de aumento da eficiência produtiva.

Jamais o Brasil teve manifestação tão calorosa e festiva numa data eleitoral. O cumprimento cívico do dever do voto se fez em meio a um sentimento que brotou de cada um, procurando transmitir aos demais a necessidade de mudanças para o melhor.

Até aqueles menos empolgados politicamente se contagiaram. Mas, em verdade, corremos o sério risco de cair nas mãos da esquerda retrógrada. Da esquerda que os povos checoslovaco, polonês, húngaro, alemão oriental, entre outros, abandonaram, após experiências sem sucesso e que resultaram em seu empobrecimento.

Com apenas 20% da população brasileira vivendo com mais de cinco salários mínimos por mês, a lição das urnas exige modernização da conduta das elites, em especial dos profissionais e empresários do País. O círculo vicioso da pobreza, limitado pela falta de cultura, leva à saúde deficiente, desmotivação e consequente miserabilidade. Isso exige imediata atuação das elites, intervindo para um melhor direcionamento do povo. Uma intervenção ostensiva, praticando a política no seu sentido

mais amplo, individualmente e através de associações de classe; fornecendo subsídios aos legisladores e ao Poder Executivo em todos os níveis; participando eficazmente dos destinos do Brasil.

É imperioso zelar pela ordem educacional, sem o que nossas chances de evolução e progresso estarão limitadas. E isso pode ser feito de várias formas: em núcleos residenciais populares; através de treinamento profissional nas empresas, independentemente de seu porte, estimulando a eficiência produtiva por remuneração adicional com vistas aos resultados, etc. Diga-se de passagem que existem, no Brasil, sociólogos, pedagogos e especialistas em treinamento de pessoal que, apesar do bom nível, estão lamentavelmente com capacidade ociosa de desempenho, mas que poderiam ser muito bem aproveitados em face desse compromisso com a educação, do qual as elites não se podem furtar.

Evidentemente, a pobreza em nosso país aumentou muito nos últimos anos, decorrência direta da queda na produção: no Estado de São Paulo, na última década, temos 30% menos de gente empregada. Na construção imobiliária, tivemos queda na área licenciada nos últimos quatro anos, espelhada por 10 milhões de metros quadrados, em 1986, caindo para 8,3 milhões, em 1987; 6,6 milhões, em 1988; e cerca de 4 milhões, em 1989. A indústria automobilística, por sua vez, produziu menos 5,31% em 1989, comparativamente ao ano anterior e, no setor de exportações, menos 20,69%. Comportamentos similares também foram identificados em outros setores da economia nacional, como no comércio em geral.

E o famigerado círculo vicioso da pobreza. E, in-

sistimos, só com a intervenção individual e coletiva das elites é que sairemos dele. E tem mais: ou saímos ou a explosão social será inevitável.

Em 1990 teremos eleições para governadores, deputados e dois terços do Senado. Se foi grande o risco de mergulhar na ilusória solução esquerdista, em 17 de dezembro, este será maior e pior em 1990. Sabe-se que o PT, com sua ideologia, quer fazer 200 deputados federais. E a busca cega de uma solução, qualquer que seja ela.

O alarme soou. A sociedade tem de acordar antes que seja tarde. Melhor, do que esperar por uma liderança é cada um fazer o

seu próprio trabalho de cunho social, com vistas a uma causa maior. Isso é, antes de tudo, uma questão de sabedoria.

O novo presidente da República tem a consciência do problema e divulgou fortemente os seus planos. Tem respaldo popular para atuar e, certamente, articulará o Congresso Nacional para o apoio necessário.

Não podemos vacilar. O momento é agora, e o País tem tudo para reagir. Em pouquíssimo tempo poderemos ter melhores condições de vida para nós e para a geração seguinte.

Sérgio Mauad é presidente do Secovi - SP.